

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 37

Data: 30 de agosto de 1987

Pg.: \_\_\_\_\_

# Principal projeto do Incra fracassa por desorganização

BRASÍLIA — O mais importante projeto de colonização do Incra, premiado pela ONU, fracassa no processo de assentamento dos colonos, por desorganização administrativa e carência de infra-estrutura de apoio. Machadinho, em Rondônia, instalado em 1984, abriga hoje mais de duas mil famílias, mas 90% dessa população, praticamente abandonada na selva, sofre de malária, desnutrição e até lepra. A situação é de tal gravidade que recente documento do Banco Mundial, principal financiador do projeto, sugere inclusive a possibilidade de evacuação da área.

Fracassado, Machadinho, pode significar a perda de 23,9 milhões de dólares (cerca de CZ\$ 1 bilhão 150 milhões) investidos no projeto. A principal distorção é a baixa ocupação dos lotes rurais e a concentração populacional no núcleo urbano, que soma 10 mil pessoas vivendo como se morassem em favelas, sem água, luz e esgoto. Por causa da especulação imobiliária, um lote de 800 metros quadrados chega a custar CZ\$ 300 mil. E a produção agrícola, por falta de condições de escoamento, foi vendida este ano por preços 25% abaixo dos alcançados em Ariquenes, a 200 quilômetros de distância, segundo o documento do Banco Mundial.

**Migração** — O processo de colonização de Rondônia é parte do Projeto Polonoeste, sob a coordenação da Sudeco (Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste) e envolvendo cinco órgãos federais: Incra, Embrapa, Sudhevea, Ceplac e Emater. No caso específico de Rondônia, onde três projetos de colonização — Machadinho, Urupá e Cujubim — estão sendo desenvolvidos, há a cooperação de cinco órgãos estaduais: secretarias de Educação, Saúde, Agricultura e Trabalho e Promoção Social e Instituto Estadual de Florestas, que, segundo o relatório do Banco Mundial, ainda não assumiu suas funções na área. Machadinho é o maior dos três projetos, ocupando uma área de cerca de 209 mil hectares, com 2.934 lotes rurais divididos em quatro glebas — a primeira com 33% de ocupação e duas com apenas 13% e 14% de ocupação. São 789 lotes efetivamente ocupados e apenas 213 semeados, segundo dados da Sudeco, que admite as dificuldades, mas não aceita o fracasso sugerido pelo Banco Mundial.

Em três anos e meio, o governo federal investiu 17 milhões de dólares na região e o Banco Mundial, que tem acertado um crédito cujo teto é de 65 milhões de dólares, injetou 6,9 milhões de dólares no projeto. O banco deve liberar nos próximos meses mais 17 milhões de dólares. Tanto dinheiro não tem conseguido amenizar a tragédia da colonização em Rondônia, para onde migraram, só nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, 20 mil brasileiros. Miguel Ângelo Arab, coordenador do Projeto Polonoeste, aponta justamente essa "desenfreada" migração como fator principal da degeneração do processo de assentamento.

**"Terra do mito"** — Trabalho ainda inédito, elaborado pelo CNPDA (Centro Nacional de Pesquisa e Defesa da Agricultura), da Embrapa, que pesquisou a vida de 48% da população de Machadinho, considera urgentes duas decisões: "Reduzir ou parar a migração e gerenciar a difícil situação atual". Esse relatório, de 170 páginas, que tem como título *A terra do mito e o mito da terra*, expressa em dados estatísticos a precariedade da vida dos colonos assentados em Rondônia e expõe constatações surpreendentes: 90% da população têm problemas de saúde, 33% dos colonos supostamente sem terra vendem suas pequenas propriedades no Sul para buscar o eldorado de Rondônia; e 28% dos pesquisados são os segundos ocupantes de lotes do assentamento (a terceira posse atinge 5,9% dos lotes e 1,4% estão na quarta).

A dificuldade no trato com uma terra de características físicas e climáticas desconhecidas gera a rotatividade. Essa dificuldade vai do desconhecimento do tipo do solo à falta de infra-estrutura de apoio. Por exemplo: 74% dos colonos queimaram a madeira derrubada em seus lotes por falta de mercado. O projeto previa que a venda da madeira sustentaria o agricultor no período de criação de suas lavouras. A crise econômica e a precariedade das estradas geraram o desperdício da queima.

O belo projeto de Machadinho reserva em cada lote um trecho para preservação da floresta, que seria assim protegida pelo proprietário, dificultando o acesso de invasores. A baixa ocupação dos lotes quebrou essa cadeia de proteção: a ocupação anárquica favorece a devastação e o acúmulo dos problemas.